

Ana Luiza Dias Batista

Exposição no Centro Universitário Maria Antonia, 2004

A criação de áreas específicas para a vegetação em São Paulo (Jardim da Luz, 1800) é simultânea à devastação acelerada (São Paulo Railway, 1856). Parece um contra-senso, mas a concomitância é lógica: hortos, parques, jardins, praças e a arborização das redes viárias são reduções planejadas do verde. O paisagismo se desenvolve no país em seguida, junto com a arquitetura moderna e em paralelo ao primeiro plano de avenidas na cidade a privilegiar o transporte individual, em 1930. Relacionadas deste modo, a expansão das áreas edificadas e a reorganização dos espaços para a cultura botânica insinuam a possibilidade de uma topografia transitiva. Por exemplo, que tipo de estruturas seriam capazes de acondicionar não só os aspectos formais, como as circunstâncias de uso de plantas comuns em jardins ou na paisagem ordinária da paulicéia?

Os trabalhos recentes de Ana Luiza Dias Batista oferecem resposta que mapeia lugares específicos, carregados da memória sócio-econômica da cidade, num terreno intercambiável como o da instituição de arte. A acomodação dos vegetais em esculturas com vidros fumê, barras de ferro ou GRC guarda “comportamentos” da paisagem paulistana. Na série de desenhos, as folhagens recortadas de páginas de revista constroem seu sentido na integração às margens do papel. Também os tridimensionais incorporam o espaço expositivo e propõem uma nova configuração da repartição do Estado, convertida em galeria no Ceuma. As colunas de sustentação assemelham-se aos obstáculos da capital quando recebem chapiscos de cimento como os de muros ásperos. Jamais as portas do primeiro piso da Mariantonia estiveram tão cinzas. O que indica que algo mais está vulnerável, além do meio ambiente de São Paulo.

José Augusto Ribeiro